



# Dissonância

*revista de teoria crítica*

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

<b>Título</b>	Marx e a crítica do modo de representação capitalista, de Jorge Graspan
<b>Autor</b>	Hélio Ázara de Oliveira
<b>Fonte</b>	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , volume 6, Campinas, 2022
<b>Link</b>	<a href="https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/3944">https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/3944</a>

Formato de citação sugerido:

Oliveira, Hélio Ázara “Marx e a crítica do modo de representação capitalista, de Jorge Graspan”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, volume 6, Campinas, 2022, p. 8-16.

# MARX E A CRÍTICA DO MODO DE REPRESENTAÇÃO CAPITALISTA, DE JORGE GRESPAN

Hélio Ázara de Oliveira\*

Resenha de *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*, de Jorge Grespan (São Paulo: Boitempo, 2019. 304p.)

Autor de *O negativo do Capital* (Grespan 2012), obra que trata sistematicamente do conceito de crise como sendo simetricamente oposto ao conceito marxiano de capital, Jorge Grespan já é conhecido pelos estudiosos de K. Marx em língua portuguesa. Seu novo livro, resultado de um estudo de Livre Docência na USP, é uma contribuição essencial para os estudos marxianos no Brasil, na esteira dos novos estudos sobre Marx em nível mundial. A investigação do professor Jorge Grespan está dirigida pela forma “bastante peculiar” da utilização por Marx em sua *Crítica da economia política* dos vocábulos *Vorstellung* e *Darstellung*, a saber, é uma investigação acerca da forma como Marx caracteriza a *representação* e a *apresentação* típicas da sociedade do capital. A forma polissêmica e sobreposta de seu uso por Marx, bem como no uso corrente em língua alemã do século XIX, é de interesse imediato para a Filosofia e para as “Ciências do Espírito”.

---

\*Professor de Filosofia na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Contato: [helioazara@hotmail.com](mailto:helioazara@hotmail.com).

Grespan volta no presente livro aos temas por ele já investigados em artigos e livros recentes; é o caso da retomada negativa da dialética ou, como ficou clássico apresentá-lo, da inversão da dialética (Grespan 2002) hegeliana pela *Crítica da economia política* de Marx, e retira deste problema clássico novos resultados para o entendimento do projeto crítico de *O capital*. O livro se divide em três partes, “As formas do mais-valor”; “Da apresentação à representação” e por fim “A representação do capital”, formando assim três visadas distintas sobre os problemas relativos à apresentação e representação das formas e conteúdos sociais capitalistas.

Na primeira parte de seu livro Jorge Grespan apoia-se no monumental esforço editorial da MEGA-2,<sup>1</sup> que estabelece uma diferença entre os livros III publicado por Engels e o manuscrito cru deixado por Marx, isto é, o Livro III “editado por Engels”<sup>2</sup> e os manuscritos do próprio punho de Marx, e Grespan estabelece que, para seu estudo, estará baseado no manuscrito de Marx, isto é, para o Livro III o exame parte dos manuscritos preparados por Marx em 1864 e 1865, e não do material editado por Engels. Nesse pormenor trata-se menos de uma crítica do trabalho de Engels como editor do que do uso e aproveitamento de um recurso analítico hoje à disposição dos pesquisadores. No entanto, mesmo o leitor não familiarizado com a edição e apar-

---

1 A MEGA-2 (*Marx-Engels-Gesamtausgabe*) é um projeto editorial de fôlego, que restabelece os documentos e publica em edições críticas tudo o que tais pensadores escreveram. Um bom panorama destes desdobramentos da empresa editorial da MEGA-2 pode ser encontrado em Costa Neto (2015), Hubmann (2012) e Grespan (2013).

2 Sobre a edição da Engels em comparação com a edição crítica da MEGA-2, ver Heinrich (2016).

tos da MEGA-2 é auxiliado, já na primeira seção do primeiro capítulo, por uma reconstituição da longa trama e dos percalços pelos quais o projeto de exposição da *Crítica da economia política* passou. De fato, a história dos projetos e das alterações que os mesmos sofreram constitui um tema à parte nos estudos sobre a obra de Marx e ganha aqui um novo e revelador capítulo. Distorções impostas à leitura por uma “certa prioridade” dada ao Livro I nas análises do campo marxista são assinaladas. O perigo desta “prioridade” é uma simplificação pela qual passa o hercúleo esforço de Marx em captar as múltiplas formas e tramas do valor, que se veem reduzidas a uma análise do trabalho, ou de modo ainda mais místico, a uma “ontologia do trabalho”. A redução da análise do valor à trama da mercantilização da força de trabalho é uma redução perigosa, justamente em um momento da vida do capitalismo em que as demais tramas e circuitos do valor secundarizam a “exploração direta do trabalhador” como fonte de riqueza para as nações.

Ganha força nesta discussão o tema da “equalização” na distribuição do mais-valor entre os capitais reais em disputa pelo excedente da produção. A equalização põe a nu a contradição entre a “lei do valor” (âmbito do Livro I, do capital em geral, abstrato) e os fenômenos menos palpáveis da economia capitalista (âmbito do Livro III, dos capitais reais existentes, o concreto capitalista). Como crítica, a *Crítica da economia política* parte dos clássicos, isto é, do valor, e revela seus limites. É como se a equalização se referisse não a uma teoria do valor, mas aos capitais reais existentes que competem entre si e procuram formar uma taxa média de lucro. É de se notar também que no bojo do trata-

mento da equalização reaparece com importância central o tema da propriedade, tema por meio do qual Marx, por assim dizer, estreia na discussão econômica,<sup>3</sup> mas agora se trata da propriedade de capitais, decisiva na distribuição de valor e mais-valor, tanto ou até mais decisiva do que a exploração direta da força de trabalho (cf. p. 51). O leitor habituado ao Livro I de *O capital* certamente deve adaptar-se aos novos papéis e configurações que assumem estas categorias.

Outra linha de força que estrutura a obra de Grespan é a tematização dos muitos fetichismos descobertos pela *Crítica da economia política*. O fetiche, que nos habituamos a ver como inerente à relação entre mercadoria e dinheiro, quando não restrito ao “fetichismo da mercadoria”, é, na verdade, mais constitutivo da relação-capital e definidor desta do que da mercadoria e do dinheiro. Se no âmbito das mercadorias o feitiço as faz parecerem obter vida própria e dançar sobre a cabeça dos humanos, no âmbito do capital o feitiço o faz parecer “o criador de valor”, ou antes, dissolve o trabalho como fonte do valor, que passa a aparecer como determinado mais pela propriedade de capitais do que da exploração do trabalho.

A segunda parte da obra retoma o mesmo caminho de exposição das categorias por meio da análise da categoria de “forma”. Uma vez que Marx faz do capital um processo social que apenas chega a “ser dominante pela autonomização de suas

---

3 Da polêmica do Roubo de madeira no vale do Mosela, na *Gazeta Renana*, até os *Manuscritos de 1844* Marx está refletindo sobre a influência da generalização da apropriação de tipo capitalista e seus impactos sociais. O tema da propriedade centraliza essa fase da crítica de Marx ao capitalismo, e com alterações retorna ao centro do debate nos manuscritos base do Livro III, da década de 1860, portanto.

formas”, o conceito de forma passa a ser decisivo (p. 95) e Grespan busca precisar tal conceito na acepção rigorosa e particular de Marx.

Todo o uso por parte de Marx das categorias do “aparecer” é minuciosamente analisado em seu contexto próprio: é o caso da categoria “expressão” (p. 102–103), “exteriorização” (p. 106). Aliás, categorias muito conhecidas pelos filósofos são mobilizadas por Marx em sua *Crítica da economia política*, a saber, forma e conteúdo, substância sensível e suprassensível, a própria expressão “representação” em oposição à apresentação (p. 116), e Grespan é muito cuidadoso em reconstruir o contexto possível para a sua plausibilidade econômica, bem como as reverberações advindas de seu contexto “hegeliano” (p. 87). Nesse sentido, o livro de Grespan desdobra dificuldades inerentes à *Crítica da economia política* de Marx, descendo a detalhes a que leitores iniciantes e mesmo experientes dificilmente costumam dar atenção. Aponta para as múltiplas inversões das categorias apresentação e representação, idealidade e realidade, forma e conteúdo, abstrato e concreto, etc.

Em uma obra que trata densamente a categoria de representação, ganham destaque as citações literárias de Marx, que estão longe de ser “apenas ilustrativas”, sendo antes utilizadas para dar relevo e destaque para as manhas metafísicas próprias do fetichismo, seja da mercadoria, seja do dinheiro ou do capital (p. 123–125). Os muitos sentidos e deslocamentos do jogo entre apresentação e representação, que muitas vezes passam despercebidos mesmo a leituras informadas e atentas, são explorados no seu detalhe pela obra. Muito do que estava implícito na expo-

sição de Marx se torna explícito, o que faz a obra constituir-se como um trabalho ao mesmo tempo desafiador e essencial, tanto mais em um momento de renovação dos estudos sobre Marx.

Vale destacar o Capítulo 6, sobre as relações entre apresentação e crítica, que lança luz sobre o sempre debatido problema do método de Marx, entendido por Grespan antes de tudo como ligado à exposição crítica do sistema. Voltam a receber destaque outras oposições conhecidas, tais como abstrato e concreto, simples e complexo (p. 158–159) e o texto de Marx central nessa discussão é sempre o “Método da economia política” de 1857. Embora Marx soubesse dos perigos de se confundir o plano lógico com a “realidade” criada pelas formas capitalistas, há um esforço em mostrar que a apresentação categorial é correlata da apresentação real (p. 166). Está implícito na exposição de Grespan que os três livros de *O capital* nos oferecem visadas diferentes de um mesmo processo, embora em níveis distintos de abstração, e que o diagnóstico de Marx da sociedade capitalista não se reduz ao Livro I, também não é possível concluir, neste sentido, que os demais livros sejam meros complementos.

Para os estudos sobre Marx radicados na Filosofia o referido Capítulo 6 é de importância capital. Grespan revisita a inversão dialética e avança nas razões que levaram Marx a expor os movimentos do ente “capital” em consonância aos movimentos do conceito na *Ciência da lógica* de Hegel, e argumenta que isto se deveu ao poder do capital, entendido como sujeito, de constituir uma sociabilidade que lhe é própria, uma sociabilidade enfeitada, é preciso complementar, e que só pode ser apresentada “por categorias como contradição, mediação e subsunção”

(p. 173). Portanto, o andamento dialético não é um estilo do analista, imposto por ele ao material estudado, é antes uma exigência do objeto contraditório, como Grespan já havia sugerido em estudos anteriormente dedicados ao tema. O que diferencia Marx de Hegel, antes que uma lógica diferente, é uma concepção diferente do que seja a sociedade moderna. Há aqui uma contribuição superior aos estudos das obras de Marx, desde a *Crítica da Filosofia do Direito* (1843) até *O capital*.<sup>4</sup>

A terceira parte do livro revisita o tema da apresentação do capital, destacando novamente o seu caráter fetichista, visto que o modo capitalista de representação é fetichista por natureza, isto é, inverte sujeito e objeto, faz do capitalista o produtor de valor e mais-valor, representando literalmente uma consciência invertida dos processos sociais (p. 222). As metáforas teológicas de Marx alargam a denúncia do caráter fetichista das relações capitalistas, que formam, nas palavras de Grespan, um verdadeiro “teatro místico” cujos personagens são “o puro proprietário, o capitalista e o assalariado” (p. 239). Estes agem determinados por formas sociais e, no entanto, se veem como autores de suas próprias ações. “A ação repõe e confirma a forma social, que só existe mediante essa confirmação, alimentando a fé na liberdade do agente” (ibid.). Nesse teatro místico:

O trabalho, que produz e mede essa substância para o capital, é afastado da cena e substituído pelo capital do empresário e do seu credor, que engendra uma substân-

---

4 Um estudo aprofundado sobre as reverberações lógicas do uso por parte de Marx de categorias como identidade, diferença, oposição e contradição deve levar em conta certamente o capítulo segundo da *Lógica da essência*, a saber, “As essencialidades ou as determinações da reflexão”.

cia formal e por ela distribui o excedente de valor conforme medidas distintas das do trabalho, medidas distorcidas, “alienadas” e, por isso mesmo, “próprias” do sistema composto pelo *Kapitalfetisch* (p. 249).

As representações do capitalista, do arrendatário e mesmo as do trabalhador, são superficiais e enganosas, confundindo o fundamental com aspectos assessorios do problema da formação e distribuição do valor e do mais-valor. Há um duplo registro que a crítica procura evidenciar, a saber, entre as práticas dos agentes e a representação que delas formam (p. 254), ou melhor, do modo como as práticas sociais se apresentam à consciência.

\*\*\*

A intersecção entre Economia, História e Filosofia sempre dificultaram o trabalho dos intérpretes de Marx. Esse fato, somado ao caráter inconcluso dos Livros II e III, reforçam as dificuldades, por um lado, e abrem sempre novas perspectivas, por outro. O projeto de *Crítica da economia política* é um projeto de crítica das representações derivadas da sociabilidade criada pelo modo moderno de “ganhar a vida”, na expressão de Marx. Desvendar os enigmas ocultos por essas formas sociais sempre foi objetivo prioritário de crítica de Marx, e para isto ele precisou mobilizar um arsenal analítico retirado da Filosofia alemã que lhe é imediatamente anterior, dificultando ainda mais o trabalho dos intérpretes. *Marx e a crítica do modo de representação capitalista* é um livro para “especialistas”, embora o leitor não especialista possa dele tirar muito proveito, desde que esteja disposto a estudá-lo e não apenas lê-lo, ainda que sua escrita seja de fato clara e precisa. É uma robusta contribuição aos estudos sobre a

obra teórica de Marx e chega em um momento em que as pesquisas podem contar com recursos de que os estudiosos de Marx no século XX não dispunham, a saber, o monumental esforço da MEGA-2, que dá resultados concretos e faz avançar a pesquisa de maneira impensada até décadas atrás.

Recebido em 05/12/2019

Publicado em 09/03/2021

## Referências

- COSTA NETO, Pedro Leão. “Marx em 2013”. *Crítica Marxista* 41, p. 123–130, 2015.
- GRESPLAN, Jorge. “A dialética do avesso”. *Crítica Marxista* 1 (14), p. 26–47, 2002.
- . “O capital e seus escritos preparatórios: Sobre o lançamento do volume 4.3 da MEGA”. *Crítica Marxista* 37, p. 155–161, 2013.
- . *O negativo do capital*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- HEINRICH, Michael. “A edição de Engels do livro III de *O capital* e o manuscrito original de Marx”. *Crítica Marxista* 43, p. 29–43, 2016.
- HUBMANN, Gerhard. “Da política à filologia: A Marx-Engels Gesamtausgabe”. *Crítica Marxista* 34, p. 33–49, 2012.